

## Trauma e desmentido

Ana Beatriz Favero<sup>1</sup> & Ana Maria Rudge<sup>2</sup>

Este estudo analisa as contribuições de Sándor Ferenczi sobre o trauma psíquico. Numa construção teórica original, Ferenczi estende a ideia do trauma para além da cena sexual e toma o desmentido, a mentira e a hipocrisia do adulto em relação à criança como poderosas forças traumáticas. Ao longo da sua obra, encontramos duas diferentes concepções de trauma: uma primeira, em que os traumas são estruturantes, necessários, inevitáveis ou filogenéticos – constitutivos da sexualidade infantil; e uma posterior, em que as situações traumáticas colocam em risco o projeto identificador do sujeito, nos casos em que ocorre o desmentido por parte do adulto.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Ferenczi; Trauma; Desmentido.

### Introdução

Sándor Ferenczi (1873-1933), psicanalista contemporâneo de Sigmund Freud e seu dileto amigo (1856-1939), voltou-se, especialmente a partir de 1929, para o tema do trauma. Em vários ensaios, que se provaram muito polêmicos no âmbito psicanalítico, Ferenczi saiu em defesa de uma retomada dos principais pressupostos da extinta *neurotica* freudiana.

Pode-se afirmar que a teoria ferencziana do trauma apresenta-se segundo dois enfoques distintos. Num primeiro, os traumas são estruturantes, necessários, inevitáveis ou filogenéticos. Os melhores exemplos de um trauma inevitável, bem como necessário à constituição subjetiva, são o desmame e o aprendizado das normas de higiene e a descoberta da diferença sexual pela criança. Já no segundo enfoque, as situações traumáticas colocam em risco todo o projeto identificador do sujeito, por não serem metabolizadas e, assim, integradas ao psiquismo.

Na teoria de Ferenczi, os fatores externos que impõem mudanças no aparelho psíquico ganham relevo. Em lugar de fatores endógenos, é sobretudo o meio social que perturba o aparelho psíquico, desorganizando-o. O trauma depende

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; ana@netbotanic.com.br

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

de uma falha na relação entre o sujeito e o outro. Valorizando a alteridade na constituição do trauma, Ferenczi se mantém fiel ao que sua clínica lhe revelava: o trauma é fundamentalmente o resultado da ação de um outro sobre aquele que é traumatizado.

## 170

Uma primeira concepção do trauma como estruturante do sujeito encontra-se nos textos de Ferenczi das décadas de 1910 e 1920. Ferenczi, em 1913, já apontava para a existência de uma relação originária traumática e sedutora com a mãe, considerada como o primeiro objeto de amor para a criança. Nesses trabalhos a ênfase é colocada na vertente positiva do trauma de sedução, enquanto organizador do psiquismo e, de certa forma, inevitável.

As primeiras relações mãe-bebê são traumáticas para a criança na medida em que, através dos cuidados de higiene da mãe, a criança aprende que deve se submeter às leis impostas pelo adulto, e isto numa época em que todo bebê ainda acredita que ser amado e se sentir o centro do mundo é seu estado natural. Deste modo, a onipotência incondicional do recém-nascido se mostra insustentável e ele passa a reconhecer nele próprio além de sentimentos de prazer, também sentimentos de desprazer, que provocam mudanças no seu aparelho psíquico (Ferenczi, 1913).

Durante a década de 1920 e especialmente em *As fantasias provocadas*, Ferenczi (1924) tenta explicar as interações existentes entre a sedução, as fantasias infantis precoces e os traumas sexuais infantis. Em sua opinião, a sedução dirigida às crianças e o medo ligado à situação traumática sexual são, até certa medida, inevitáveis, e motores para o enriquecimento do mundo das fantasias. A vivacidade da vida fantasística está diretamente ligada aos acontecimentos vividos na infância, qualificados como traumas sexuais infantis. Na ausência destes, o resultado é a pobreza do campo da fantasia; “certa quantidade de experiências sexuais (...) longe de prejudicar mais tarde a normalidade (...) antes a favoreceriam” (Ferenczi, 1924/1993, p. 248).

Assim, ao explicitar as interações que entrevê entre fantasias sexuais infantis e experiências de sedução na infância, Ferenczi (1924) valoriza a vertente estruturante do trauma, já que certa quantidade de experiências sexuais vividas através da sedução sexual infantil funciona como “proteção contra os caminhos anormais que o desenvolvimento é suscetível de adotar” (Ferenczi, 1924/1993, p. 248). No entanto, o trauma de sedução só tem esse efeito favorável se não ultrapassar “certo ponto ótimo” (Ferenczi, 1924/1993, p. 237). Assim, há um aspecto positivo do trauma, e nem toda experiência sexual traumática adquire posteriormente um valor patológico para a criança.

Nos trabalhos da década de 1930, especialmente no ensaio *Análises de crianças com adultos*, Ferenczi (1931) irá se voltar com grande interesse para o trauma. Como um psicanalista clínico desbravador, e muito interessado nas questões relativas

à técnica, afirma que um analista “não se deve declarar satisfeito com nenhuma análise que não tenha culminado na reprodução real dos processos traumáticos do recalamento originário, no qual repousa em última instância a formação do caráter e dos sintomas” (Ferenczi, 1931/1992b, p. 73).

Como observa Couvreur (2002), Ferenczi passa a apresentar, na década de 30, o trauma a partir de uma visada negativa. No trabalho *Análises de crianças com adultos* (1931), assim como em *Confusão de língua entre os adultos e a criança* (1933 [1932]), em seu *Diário clínico* (1985 [1932]) e em *Reflexões sobre o trauma* (1934), Ferenczi dá um valor patogênico ao trauma, ao abordar o tema da sedução sexual infantil de uma forma diferente da apresentada anteriormente.

Nesta década, o trauma será pensado como se constituindo em dois tempos. Não se trata da eficácia *a posteriori* do incidente traumático, como na perspectiva freudiana. No Ferenczi tardio, o trauma resulta de um primeiro momento em que um evento precoce e real acontece – as atitudes passionais dos adultos frente às demandas de carinho e verdade das crianças – e outro em que um *desmentido* ocorre no ambiente próximo à criança.

### A sedução retomada

Na década de 1930, a teoria da sedução da criança pelo adulto é retomada como causa da neurose. Não se trata mais de uma sedução necessária, implicada nos cuidados amorosos da criança. Ferenczi volta sua atenção para a existência de atitudes incestuosas por parte de pais, que abusam sexualmente de seus filhos ou os tratam com violência desmedida. A partir de sua experiência clínica, conclui que estas crianças, que participam inocentemente de um jogo repleto de punições e ameaças graves que lhes é imposto, sofrem choques incompreensíveis para elas; só lhes resta reagir à violência do choque através de uma fuga da realidade, já que se sentem incapazes de pensar ou resistir em sua própria defesa.

Ao se sentirem ameaçadas e com medo, as crianças eventualmente procuram ajuda nas pessoas mais velhas que lhes inspiram confiança. As experiências de sedução se tornam ainda mais traumáticas e patológicas para as crianças quando, além da situação violenta, os adultos, antes reconhecidos por elas como protetores, não as acolhem e não dão crédito e importância a suas histórias. “O pior é realmente a negação, a afirmação de que não aconteceu nada, (...) ou até mesmo ser espancado e repreendido (...); é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico.” (Ferenczi, 1931/1992b, p. 79-80).

Quando a sedução ou abuso são negados pelos adultos – tanto por aquele que seduziu a criança quanto pelo outro que interpretou a sedução como falsa,

ou seja, como uma fantasia infantil –, o trauma resulta numa cisão do eu da criança. Em outras palavras, depois da intensidade insuportável do vivido ocorre a desqualificação da experiência. É isso o que resulta em uma identificação com o agressor. O sentimento de culpa que o pai ou a mãe deveriam sentir é vivido pela criança, que assume a responsabilidade pela experiência sexual – responsabilidade que a princípio não é dela, mas do agente sedutor –, sentindo-se invadida nas defesas de seu eu.

Nas experiências sexuais de sedução, os adultos geralmente agem e reagem de maneira inadequada. Negam a verdade dos fatos ocorridos, e desmentem algo que faz parte da vivência real das crianças, fracassando na tarefa de lhes oferecer proteção, o que torna a sedução inegavelmente traumática e patológica (Ferenczi, 1931).

### **“Palavras enterradas vivas”: o desmentido**

A originalidade da teoria do trauma ferencziano está alicerçada justamente na idéia inovadora sobre o desmentido. O desmentido, fundamental para que haja um trauma, é entendido como a negação, por parte do adulto que ouve a criança, de que algo abusivo de fato aconteceu com ela. Geralmente a atitude do adulto agressor é a de que nada aconteceu, a de que o fato não tem importância. Quando a criança chega a comentar o fato com um outro adulto, geralmente a mãe, este toma o relato da criança como fantasia e não um acontecimento real, desautorizando assim a fala da criança. O próprio desmentido do adulto irá fazer todo o fato adquirir para a criança um contorno essencialmente traumático e desestruturante. Isso provoca na criança uma grande confusão: a confiança que depositava no que percebia, em seus próprios sentidos é destruída (Ferenczi, 1933 [1932]/1992b, p. 102) O prestígio de que goza o adulto frente a uma criança dependente vence a confiança que esta depositava em sua experiência, e isso resulta na identificação defensiva com o agressor, a partir da qual ela se vê dividida, culpada e inocente ao mesmo tempo.

Por isso a preocupação de Ferenczi de que o analista fosse reforçar essa experiência deletéria a partir de sua própria hipocrisia, desmentindo também as percepções do analisando sobre os maus tratos de que foi ou é vítima, assim reforçando o poder patogênico do trauma.

Pinheiro (1995) tece uma crítica pertinente à forma como o conceito de desmentido é apresentado por Ferenczi. Para ela, o psicanalista se perde em sua construção, na medida em que coloca de um lado a verdade e de outro a mentira, atrelando-as respectivamente ao acontecimento factual e à fantasia infantil. Dessa forma,

Ferenczi se equivoca ao desconsiderar o pressuposto freudiano posterior a 1897, segundo o qual não cabe ao analista se preocupar com o que realmente ocorreu ou não, como se estivesse a separar o joio do trigo. O que deve ser levado em conta é a realidade psíquica.

Quando o adulto desmente a experiência sexual e/ou violenta, o sentido do acontecimento fica congelado para a criança e só resta a ela se culpar, se autorecriminar. O que ocorre é que “a ‘representação’ do agressor é ‘negativamente alucinada’, e o que devia ser acusação, revolta, transgressão, contestação ao outro, etc., torna-se submissão e sintomas corporais” (Costa, 1995, cit. in Pinheiro, 1995, p. 14).

Convencido de que a “hipocrisia profissional” (Ferenczi, 1985 [1932]/1990, p. 19) tinha íntimas relações com o problema do trauma, replicava e reforçava seu poder patogênico no âmbito da análise, Ferenczi foi motivado a investir numa proposta como a da análise mútua. O repúdio, a que os analistas se permitiam, dos sentimentos contratransferenciais desconfortáveis, deveria ser considerado como uma prática traumática infligida aos pacientes, por reavivar traumas antigos que, por princípio, caberia à análise curar. Se o analista não reconhece o impacto do trauma no próprio espaço transferencial, ele estará repetindo o trauma original.

O trauma patogênico, portanto, se dá em pelo menos dois momentos, o evento traumático e o posterior desmentido. Como produto do *desmentido* do adulto à paixão com que respondeu à demanda da criança por ternura, o trauma se torna um corpo estranho no psiquismo desta, e produz-se uma situação em que a introjeção é impossível.

### **Introjeção: uma comunhão das bocas vazias**

Existe um processo de diluição pelo qual a criança tenta atenuar a tonalidade penosa de aspirações insatisfeitas ou impossíveis de satisfazer. Esse processo, que Ferenczi chamou de introjeção, possibilita à criança gradativamente incluir em sua esfera de interesses partes do mundo exterior, com vista a torná-lo objeto de fantasias conscientes e inconscientes. Assim, as produções fantasísticas resultam do processo de introjeção do mundo exterior no eu. Através deste novo processo pode-se estender ao mundo exterior o que antes eram mecanismos primitivos auto-eróticos. Ferenczi (1912) amplia o alcance do conceito de introjeção, quando afirma que ela é o processo que está no cerne da constituição do eu, organizando e estruturando o funcionamento psíquico do indivíduo.

Descrevi a introjeção como a extensão, ao mundo exterior, do interesse, de origem auto-erótica, pela introdução de objetos exteriores na esfera do eu.

Insisti nesta ‘introdução’, para sublinhar que considero todo amor objetual (...) como uma extensão do eu ou introjeção, no indivíduo normal como no neurótico (...). (Ferenczi, 1912/1988, p. 61)

Tomando as coisas desta maneira, o amor do homem só sabe recair sobre ele mesmo; gostar de um objeto significa adotá-lo como parte do próprio psiquismo. A introjeção permite investir no mundo exterior a libido de origem auto-erótica, pela introdução de objetos exteriores na esfera do eu. Essa introdução de objetos em nosso eu é o mecanismo responsável por todo amor de objeto, inclusive pela transferência analítica, e possibilita uma ampliação e enriquecimento do eu. É um processo que está no cerne da constituição do psiquismo.

Inicialmente a criança não separa estímulos externos de processo psíquico, e experimenta suas próprias sensações e o mundo exterior a ela de uma forma indiferenciada. Em um segundo momento, passa a poder diferenciá-los, e gradativamente reconhece que há coisas que “permanecem a sua disposição e submetidas ao seu querer” (Ferenczi, 1909/1988, p. 37) e outras rebeldes à sua vontade.

Quando a criança começa a ser capaz de excluir objetos de seu campo perceptivo, discriminando suas vivências subjetivas de uma percepção objetiva, ela efetua sua primeira operação projetiva, a projeção primitiva. Expulsar para o mundo exterior será, assim, mais um recurso disponível para lidar com os afetos e sensações desagradáveis oriundos do interior. Através da projeção primitiva, os afetos subjetivos se transformam em sensações objetivas.

Contudo, uma maior ou menor parte do mundo exterior não se deixa expulsar tão facilmente do eu e o desafia: “ama-me ou odeia-me, ‘combata-me ou seja meu amigo’” (Ferenczi, 1909/1988, p. 37). Ao se evidenciar como fonte necessária à sobrevivência da criança, o mundo exterior se impõe ao eu, que, através da introjeção, o absorve. Em busca de satisfação, o eu estende seu interesse ao mundo exterior, constituindo-se assim a primeira introjeção, a *introjeção primitiva* (Ferenczi, 1909/1988, p. 37). A projeção primitiva e a introjeção primitiva são, portanto, formas de o recém-nascido organizar aquilo que se passa a sua volta. A introjeção implica, nas primeiras relações mãe-bebê, a internalização do Outro e o desejo deste na esfera do eu.

Abraham e Tórok (1972) criticam veementemente autores psicanalistas que haviam perdido o sentido rigoroso e específico do conceito de introjeção introduzido por Ferenczi nos textos de 1909 e 1912. Segundo eles, a confusão chegou a tal ponto que se dá o nome de introjeção justamente a processos que se caracterizam pela própria impossibilidade de introjetar. Esses autores trazem, assim, importante contribuição para o esclarecimento metapsicológico do que ocorre na patologia traumática, quando uma identificação com o agressor constitui uma vicissitude que nada tem a ver com a introjeção.

Como a própria estrutura lexicológica do termo sustenta, *intro-jetar* é jogar no interior. Abraham e Török caracterizam essa noção ferencziana, que não se restringe de forma alguma à posse do objeto por incorporação, através de três pontos – *extensão dos interesses auto-eróticos, alargamento do eu pela eliminação dos recalamentos e inclusão do objeto no eu* (Abraham e Török, 1972/1995, p. 221). Acrescentam que a aspiração da introjeção busca introduzir no eu a libido inconsciente, anônima ou recalcada. Trata-se de introjetar mais do que o objeto, trata-se de introjetar o conjunto das pulsões e de suas vicissitudes, das quais o objeto é o próprio contexto, e atua como mediador.

Para introduzir maior rigor a esse campo conceitual, Abraham e Török propõem que a incorporação denuncia um fracasso da introjeção. A incorporação revela uma falha no lugar em que uma introjeção deveria ter ocorrido, e não passa de uma fantasia que dá segurança ao eu. A incorporação aparece em substituição à introjeção impossível, ao mesmo tempo reflexiva – pois se volta sobre si mesma – e regressiva – pois o objeto que não pode ser metabolizado pelo eu, permanece dentro dele fixo e congelado como um corpo estranho.

Essa distinção proposta pelos autores é efetivamente fruto de uma depuração epistemológica no texto de Ferenczi, porque vem a melhor organizar, a posteriori, seus argumentos. Apesar de assim ter definido com clareza a introjeção, Ferenczi parece usar a palavra em contextos contraditórios quanto a esta definição; por exemplo, quando afirma, em *Confusão de língua* (Ferenczi, 1985 [1032]/1992b), que há, no trauma, uma introjeção do adulto agressor. Há uma identificação, sem dúvida, mas uma identificação narcísica, de ordem imaginária, uma fantasia que nada tem a ver com a cuidadosa conceituação de introjeção que o psicanalista havia elaborado.

O brilho das intuições de Ferenczi nem sempre são transmitidas em seus escritos com especial rigor. Um expressivo comentário sobre este estilo está em um dito de Freud sobre seus discípulos diletos: “Não posso me furtar ao desejo de que a clareza e a precisão de Abraham se combinassem com os talentos de Ferenczi, e que tudo isso caísse sob a pena incansável de Jones” (cit. in Roazen, 1971/1978, p. 404).

Abraham e Torok mostram a incorporação como uma fantasia, quase uma alucinação de haver engolido o objeto, o que resguarda o psiquismo da elaboração e reconhecimento da perda e da decepção, em oposição à introjeção que é um processo simbólico:

Introjetar um desejo, uma dor, uma situação, é fazê-los passar pela linguagem numa comunhão de bocas vazias. É assim que a absorção alimentar, no sentido próprio, se torna a introjeção no figurado. Operar essa passagem é conseguir que a presença do objeto dê lugar a uma auto-apreensão de sua ausência.

A linguagem que supre essa ausência, figurando a presença, só pode ser compreendida no seio de uma 'comunidade de bocas vazias'.

(Abraham & Torok, 1972/1995, p. 245)

A riqueza da elaboração de Abraham e Torok fica aqui apenas mencionada, e recomendada como um expressivo exemplo de como as contribuições dos analistas dos tempos heróicos da Psicanálise oferecem pilares vigorosos sobre os quais novas perspectivas que levam em conta as configurações da cultura contemporânea podem ser construídas de forma criativa e pertinente.

### **Fragmentação e clivagem do eu**

Em cinco pequenas notas, redigidas entre 1920 e 1932 e publicadas postumamente em 1934, Ferenczi descreve o trauma como um choque violento, “equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do Si mesmo” (Ferenczi, 1934/1992b, p. 109).

O choque é caracterizado como envolvendo uma grande decepção, seja consigo mesmo, com a sensação de se estar em segurança, seja com os objetos tidos como protetores. A angústia poderosa sobrevem, e a única defesa contra ela é uma fragmentação da consciência que dá origem a um estado de desorientação psíquica.

O trauma leva a uma autodestruição, à fragmentação dos conteúdos psíquicos, que visa driblar a angústia. Essa fragmentação é responsável por um estado de coisas que se manifesta com clareza na sintomatologia traumática: no sintoma que reatualiza e repete o trauma – no sonho traumático ou no atualmente chamado *flash back* - deslanchando a angústia, mas em que não se compreende nada. Já quando se reconstrói o trauma falando dele, muito se compreende, mas os sentimentos correspondentes ficam ausentes.

A direção, proposta por Ferenczi para o tratamento psicanalítico do trauma, seria desviar do campo transferencial essa angústia e manifestações sintomáticas, e articulá-las ao evento traumático da infância que, da raiva impotente, levou à autodestruição e à fragmentação do psiquismo.

Ferenczi assinala que nessa autodilaceração ocorre uma “brusca transformação de uma relação de objeto, que se tornou impossível, numa relação narcísica” (Ferenczi, 1934/1992b, p. 117). Privada da confiança em um adulto protetor, constrói-se uma parte do eu que será como um anjo protetor para a criança despossuída dos adultos protetores que a decepcionaram tão profundamente.

Assim, a criança pode, subitamente, assumir atitudes próprias a um adulto após a experiência traumática de sedução; a maturidade adquirida às pressas se deve a sua tentativa de superar o sofrimento decorrente da agressão.



A criança que sofreu uma agressão sexual pode, de súbito, sob a pressão da urgência traumática, manifestar todas as emoções de um adulto maduro, as faculdades potenciais para o casamento, a paternidade, a maternidade, faculdades virtualmente pré-formadas nela. Nesse caso, pode-se falar (...) de progressão traumática (patológica) ou de prematuração (patológica). Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado.

(Ferenczi, 1933 [1932]/ 1992b, p. 104)

Mas essa é uma das figuras que pode assumir a fragmentação do eu, a do bebê sábio. A clivagem do eu é a resposta ao trauma, seja lá que forma assuma: “o agredido, cujas forças são vencidas, abandona-se de certo modo ao seu destino inelutável e retira-se para fora de si mesmo, a fim de observar o evento traumático de uma longa distância” (Ferenczi, 1985 [1932]/1990, p. 19).

Digamos que o eu está diretamente envolvido no trauma, e que é o campo em que se busca soluções ou arranjos defensivos para os danos sofridos.

## O estranho do trauma

A imagem das consequências do trauma para uma criança coloca o problema de um estranho que é ao mesmo tempo familiar, isto é, *Unheimlich* (cf. Freud, 1919). Este é uma expressão decisiva do trauma.

Através de uma concepção traumática da constituição da subjetividade, Ferenczi valoriza a existência de falhas na relação entre as pessoas, reconhecendo que atitudes amorosas de adultos para com crianças são simultaneamente traumatizantes, já que muitas vezes essas crianças não se encontram psíquica nem somaticamente preparadas para responder aos estímulos nelas despertados, não se situando com clareza nas cenas de sedução. Em princípio, não há como se dissociar previamente o que seria uma atitude familiar amorosa reconhecível, que protege e acolhe, de uma atitude traumatizante, que violenta e fragmenta o psiquismo da criança, ainda mais se levamos em conta que os adultos padecem do inconsciente.

A experiência traumática, simultaneamente familiar e estranha, exige a presença de duas pessoas pelo menos – cujo protótipo é um adulto e uma criança –, que geram, através de sua relação, sensações inaugurais de familiaridade e de estranheza. Nos escritos de Ferenczi não fica esclarecido se a situação traumática inicial é provocada por uma separação da figura e do ambiente protetor ou pelo impacto de uma realidade nova, não passível de ser assimilada plenamente.

## Considerações finais

Na teoria ferencziana da década de 1930 o trauma é pensado dentro de uma forma de interpretação diferente daquela apresentada por Freud, em que o trauma se apresenta como sexual. Assim, através de uma construção teórica original, Ferenczi estende a idéia do trauma para além da cena sexual e toma o desmentido, a mentira e a hipocrisia do adulto em relação à criança como poderosas forças traumáticas. Para ele, os traumas seriam estruturantes ou desestruturantes. Os traumas estruturantes – inevitáveis e necessários ao desenvolvimento – seriam aqueles em que o ocorrido não seria desmentido. Os traumas patogênicos e desestruturantes, por sua vez, seriam aqueles em que haveria o desmentido por parte do adulto. O que traumatizaria não seria apenas a violência do ocorrido, mas o desmentido do adulto sobre o mesmo.

O que está implicado neste valor dado ao desmentido é que ele representa um ataque e uma proibição à capacidade de simbolização da criança, já que é o adulto o encarregado de representar para a criança a ordem simbólica, capaz de transformar, como querem Abraham e Torok, a fantasia e o imaginário orais ligados à incorporação em introjeção, como processo basicamente simbólico.

A ênfase no outro parental como causa do trauma foi uma inovação ferencziana. É bom lembrar que, até a fase da técnica ativa, como ocorria com vários analistas, Ferenczi admitia que o trauma era um produto de fantasia. O protótipo desta fantasia traumatizante era a fantasia da sedução.

A clínica do trauma é o terreno em que a originalidade da reflexão de Ferenczi mais se manifesta. Sua teoria do trauma, é fruto de suas reflexões sobre a clínica. Ele inova ao associar o campo transferencial à cena traumática. Insiste na centralidade, na clínica psicanalítica, da transferência, e concede ao lugar do analista na cena psicanalítica um relevo especial. Comparando a situação analítica ao trauma infantil, adverte que o analista ocupa o lugar do adulto na cena traumática sempre que não admite seus erros e não se mostra apto a receber críticas.

## Referências bibliográficas

- Abraham, N. & Török, M. (1995). A cripta no seio do ego: novas perspectivas metapsicológicas. In N. Abraham & M. Török, *A casca e o núcleo* (pp. 215-257). São Paulo: Editora Escuta. (Texto original publicado em 1972)
- Costa, A. M. D. (1995). Uma fonte de água pura. In T. Pinheiro, *Ferenczi: do grito à palavra* (pp. 9-17). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Editora UFRJ.
- Ferenczi, S. (1909). Transferência e introjeção. In S. Ferenczi (1988), *Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933* (pp. 29-60). Rio de Janeiro: Editora Taurus.

- Ferenczi, S. (1912). O conceito de introjeção. In S. Ferenczi (1988), *Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933* (pp. 61-63). Rio de Janeiro: Editora Taurus.
- Ferenczi, S. (1913). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In S. Ferenczi (1988), *Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933* (pp. 74-88). Rio de Janeiro: Editora Taurus.
- Ferenczi, S. (1916). Dois tipos de neurose de guerra (histeria). In S. Ferenczi (1992a), *Psicanálise II* (pp. 259-273). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1917). As patoneuroses. In S. Ferenczi (1992a), *Psicanálise II* (pp. 291-300). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1918). Psicanálise das neuroses de guerra. In S. Ferenczi (1993), *Psicanálise III* (pp. 13-29). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1924). As fantasias provocadas (atividade na técnica da associação). In S. Ferenczi (1993), *Psicanálise III* (pp. 241-248). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1924). Os fantasmas provocados. In S. Ferenczi (1988), *Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933* (pp. 231-238). Rio de Janeiro: Editora Taurus.
- Ferenczi, S. (1929). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In S. Ferenczi (1992b), *Psicanálise IV* (pp. 53-68). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1930a). Princípio de relaxamento e neocatarse. In S. Ferenczi (1992b), *Psicanálise IV* (pp. 47-51). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1930b). Notas e fragmentos. In S. Ferenczi (1992b), *Psicanálise IV* (pp. 235-284). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1931). Análises de crianças com adultos. In S. Ferenczi (1992b), *Psicanálise IV* (pp. 69-83). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1933 [1932]). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi (1992b), *Psicanálise IV* (pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1934). Reflexões sobre o trauma. In S. Ferenczi (1992b), *Psicanálise IV* (pp. 109-117). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico/ Sándor Ferenczi*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (Texto original publicado em 1985)
- Ferenczi, S. (1988). *Sándor Ferenczi/ Escritos psicanalíticos 1909-1933*. Rio de Janeiro: Editora Taurus.
- Ferenczi, S. (1991). *Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1992a). *Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1992b). *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1993). *Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (1976). O 'estranho'. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (pp. 273-314), v. XVII. Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1919)
- Pinheiro, T. (1995). *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ Editora UFRJ.
- Roazen, P. (1978). *Freud e seus discípulos*. São Paulo: Editora Cultrix. (Texto original publicado em 1971).

## Trauma and denial

This study analyses Sándor Ferenczi's contributions on psychic trauma. In an original theoretical construction, Ferenczi extends the idea of the trauma beyond sexual scene and takes the adult's hypocrisy in relation to the child, His lies and denials, as powerful traumatic forces. Along his work, we found two different conceptions of the trauma: a first one, in which the traumas are necessary, inevitable or phylogenetic – constituents of the infantile sexuality, and a subsequent one, in which the traumatic situations endanger the subject's identificatory project; this happens when the adult denies what happened.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Ferenczi; Trauma; Denial.